

| 1215 | AS FEIRAS AGROECOLÓGICAS ESPAÇO DE POLITIZAÇÃO PARA PRÁTICAS DE CONSUMO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Angela Maria Cavalcanti Ramalho, Sandra Sereide Ferreira

Resumo

Na Sociedade de Consumo a crescente percepção dos impactos causados ao meio ambiente pelos padrões e níveis excessivos de consumo, configura um cenário marcado por uma complexa problemática ambiental. O fenômeno do consumo embora temporal e geograficamente circunscrito tem instigando questionamentos, levando a formulações de novas sínteses teórico-metodológica sobre o consumo. Assim, no momento em que se questionam a realidade socioambiental se manifesta reflexões e diálogos, como um instrumento de *politização da ambientalização* que instiga o cidadão a adotar práticas de consumo sustentável, que se processa através da sua capacidade de fazer escolhas visando à sustentabilidade ambiental. Desse modo, o estudo tem como objetivo analisar como as Feiras Agroecológicas do Agreste da Borborema-PB têm instigado o consumidor a desenvolver práticas de consumo sustentável enquanto ação política a partir da esfera privada, buscando a efetivação das ações dos sujeitos nas feiras agroecológicas contribuindo para o desenvolvimento sustentável dos territórios. A metodologia da pesquisa foi do tipo exploratória e explicativa com abordagem qualitativa, tendo como *locus* social às Feiras Agroecológicas do Agreste da Borborema, PB, utilizando como instrumento de coleta de dados a observação participante e a entrevista semiestruturada aplicadas com feirantes e consumidores que frequentam as feiras. Como considerações finais elucida-se que a feiras amplia a reflexividade sobre os riscos resultantes das práticas de consumo, instigando no cidadão a capacidade de assumir novos hábitos enquanto ação política resultando em praticas de consumo sustentável, sendo capaz de projetar um tipo de desenvolvimento sustentável que cultive o cuidado com o equilíbrio ecológico se processando dentro dos limites impostos pela natureza.

Palavras-chave: Feiras Agroecológicas, Consumo sustentável; Desenvolvimento sustentável

1. INTRODUÇÃO

Na Sociedade de Consumo a crescente percepção dos impactos causados ao meio ambiente pelos padrões e níveis excessivos de consumo, configura um cenário marcado por uma complexa problemática ambiental. O fenômeno do consumo é, porém o acontecimento, a crise, o presente, a atualidade, o estado da arte, o que torna evidente no arranjo das discussões sobre os imperativos do desenvolvimento sustentável como vetor para compreensão do movimento da sociedade e construção de estratégias no futuro a inclusão da temática consumo, em que o vigor das ideias soma-se ao rigor das formas como necessitam ser consideradas.

Contudo, esse fenômeno embora seja temporal e geograficamente circunscrito, a metamorfose dos fatos vem instigando uma série de questionamentos, especialmente sobre a

configuração da realidade ambiental e social, levando a formulações de novas concepções em todas as áreas do conhecimento, o que sinaliza para novas sínteses teórico-metodológica sobre o consumo; no momento em que se questionam as realidades sociais e ambientais se manifesta um novo espírito de diálogo, atento ao presente, visionário e prospectivo.

Como parte integrante deste contexto de transição global, o campo de debates e práticas sobre o meio ambiente também apresentou mudanças significativas, dentre elas o deslocamento da percepção acerca dos impactos ambientais.

Evidencia-se que até a década de 70 se atribuía o agravamento dos problemas ambientais ao crescimento demográfico, principalmente nos países em desenvolvimento, que estariam provocando como um espasmo circunstancial uma pressão humana sobre os recursos naturais. Contudo, a partir da década de 70 e 80, com a realização da Conferência de Estocolmo, os países em desenvolvimento evidenciam que a causa da crise ambiental estaria localizada nas nações industrializadas, pois o estilo de produção, seja capitalista ou socialista, demanda grande quantidade de recursos naturais e energia do planeta causando poluição e conseqüentemente impacto ambiental.

A partir dos anos 90, a crise ambiental foi redefinida pelo deslocamento dos problemas relacionados à produção para os relacionados ao consumo. Assinala-se a emergência e proeminência das percepções sobre a contribuição dos impactos ambientais dos elevados padrões e níveis de consumo das sociedades modernas para o agravamento destes problemas.

Assim sendo, o estilo de vida ostentatório, antes enfatizado pela iniquidade de classe, agora passa a significar uma iniquidade inter-geracional. Expressões como “consumo verde” e “consumo sustentável” tornam-se constantes para caracterizar a esfera de consumo como uma nova possibilidade de ação política. Pontuando que “o nível e o estilo de consumo se tornaram a principal fonte de identidade cultural e de participação na vida coletiva, além de caminhos privilegiados para a análise e compreensão das sociedades contemporâneas”. (PORTILHO, 2009, p. 27).

Assim, a partir da argumentação elucidada inicia-se um processo gradual de internalização da pauta ambiental nos meios de produção, seja por pressão governamental, com novas normas e exigências ambientais, seja por pressão dos movimentos ambientalistas, através de manifestações, denúncias e boicotes, também por meio de iniciativas empresariais que cristalizam o discurso ambiental (PORTILHO, 2005).

Desse modo, o estudo inscreve-se no contexto das preocupações ambientais contemporâneas, com contradições resultantes das interações internas ao sistema,

socialmente injustas e ambientalmente insustentáveis. Com um processo de exploração excessiva dos recursos naturais que ameaça a estabilidade do sistema de sustentação, resultando assim na exclusão de um contingente significativo da sociedade, considerando que apenas uma minoria da população do planeta é contemplada, pois os recursos naturais extraídos não são repartidos equitativamente, não incorporando todos no universo do consumo.

Daí segue-se, que o progresso científico e tecnológico agregado ao modelo de sociedade de consumo de massa, hegemônico no ocidente, fez surgir um novo processo de produção, consumo e comercialização dos produtos, trazendo consequências nefastas para o homem e o meio ambiente, sendo gerador de uma crise que abrange questões como o desmatamento, a desertificação, a perda de biodiversidade, a depelação da camada de ozônio, o aquecimento global, o crescimento populacional e a cultura consumista que tem provocado o impacto ambiental, como resultância a geração de enormes quantidades de resíduos sólidos, efluentes líquidos e as emissões atmosféricas.

Assim, muitas são as explicações possíveis para os impactos ambientais, e um dos aspectos que pode servir como balizador para a reflexão nas últimas décadas centra-se nos padrões e níveis de consumo e estilos de vida. Considera-se que o “[...] estilo de vida se torna a principal fonte de identidade cultural e de participação na vida coletiva, além de caminhos privilegiados para análise e compreensão das sociedades contemporânea” (PORTILHO, 2005, p. 2).

Desse modo, a complexidade do fenômeno do consumo tem contribuído para que a discussão evoluísse na formulação de conceitos, abordagens teóricas e metodológicas que fundamentam a implementação de novas formas de consumo articuladas à dimensão ambiental perseguindo o desenvolvimento sustentável.

Assim, considerando o contexto de uma sociedade de risco global Beck (2006) e o imaginário dos consumidores, os produtos agroecológicos representam uma relação de produção sustentável, saudável, solidária, ética e responsável. Logo, por meio das práticas de consumo destes alimentos, os consumidores podem contribuir para evitar os riscos da produção das indústrias agroalimentares, ou dos alimentos produzidos pela agricultura intensiva convencional, com base na utilização de agrotóxicos, contribuindo para o desenvolvimento sustentável nos territórios.

Neste caminho, envolvimento e a ação dos atores sociais – consumidores, contribuí sobremaneira para revisão de hábitos de produção e práticas de consumo sustentável diante dos problemas ambientais na busca de um modelo de desenvolvimento

que realce a promoção, distribuição e consumo sustentável na busca de um meio ambiente saudável.

Por outro lado, descortina-se também estratégias que podem contribuir para a consecução de práticas políticas no campo do consumo enquanto ação social através da criação de espaços e redes com articulações interdependentes entre diferentes grupos (sócio técnicas, políticas e organizativas) em que a cidadania e a política se desenvolva objetivando a adoção de práticas de consumo sustentável para o desenvolvimento sustentável.

Com base nesses pressupostos o estudo tem como foco principal analisar como as Feiras Agroecológicas do Agreste da Borborema-PB têm instigado o consumidor a desenvolver práticas de consumo sustentável como uma nova cultura de ação política na esfera individual contribuindo para o desenvolvimento sustentável dos territórios.

A metodologia da pesquisa foi do tipo exploratória e explicativa com abordagem qualitativa, tendo como *locus* social às feiras agroecológicas de Campina Grande, PB, utilizando como instrumento de coleta de dados a observação participante e a entrevista semiestruturada aplicadas com feirantes e consumidores que frequentam as feiras.

Desse modo, evidencia-se que nas feiras agroecológicas as práticas de consumo são respostas individuais e coletivas, resultante de reflexões e manifestações dos movimentos sociais de agricultura agroecológica que organizam as feiras a partir de uma perspectiva política na busca do desenvolvimento socioambiental sustentável. Vislumbrando o consumo como uma prática política que incorpora a preocupação e a responsabilidade em prol do meio ambiente. Para Canclini (2005) o consumo enquanto ação política é uma maneira de materializar e tornar público valores e preocupações ambientais e sociais através do que tem sido denominado de “ambientalização e politização do consumo”. Por outro lado, as feiras são espaço que contribuem para aumentar a rendas das famílias envolvidas para que os trabalhadores permaneçam na atividade agrícola, portanto resulta no desempenho de estratégias de desenvolvimento sustentável.

2. Referencial Teórico

2.1 As Feiras Agroecológicas e as práticas de Consumo sustentável: em vias para um desenvolvimento sustentável dos territórios

A percepção dos impactos ambientais resultantes da agricultura convencional e do desenvolvimento da agricultura produtivista contribuíram sobremaneira para o surgimento de movimentos ecológicos, que propõem as chamadas agriculturas alternativas (orgânica, biológica, natural, ecológica), na tentativa de dar respostas aos problemas sociais e

ambientais no meio rural. Neste cenário, surge a agroecologia, como um novo enfoque científico, capaz de dar suporte à transição a estilos de agriculturas sustentáveis e, portanto, contribuir para o estabelecimento de novos processos de desenvolvimento rural sustentável (CAPORAL e COSTABEBER, 2004).

Assim, a agroecologia, respeitando a diversidade ecológica e sociocultural e, portanto, outras formas de conhecimento, propugna a necessidade de gerar um conhecimento holístico, nascido a partir das culturas locais. Apresenta-se como sendo capaz de contribuir para o desempenho de estratégias de desenvolvimento local, dando ênfase a elementos que podem ser utilizados como orientadores das ações antrópicas.

Enquanto prática social de conhecimento, a agroecologia estabelece um diálogo com a realidade, com ações capazes de dar sustentação à relação homem-natureza, ao propor um modelo de produção em que a natureza direcione os caminhos do equilíbrio e da harmonia ambiental.

Evidencia-se ainda, que a agroecologia se constitui como campo de conhecimento que gera bases científicas para apoiar o processo de transição do modelo de agricultura convencional para modelos de agriculturas de base ecológica ou sustentáveis, assim como do modelo convencional de desenvolvimento com processos co-evolutivos rumo à sustentabilidade em territórios rurais.

Todavia, essas estratégias de desenvolvimento revelam que, em contraponto à modernização agrícola, torna-se necessário o manejo adequado das áreas de produção agrícola, sobretudo na adoção de uma ética ecológica e política ampla, evidenciando os demais ecossistemas como um imbricamento funcional de equilíbrio energético, sendo devidamente respeitado, resultando no fortalecimento das áreas agroecossistêmicas.

Para Caporal e Costabeber, os agroecossistemas se constituem como unidades fundamentais para o estudo e planejamento das intervenções antrópicas em prol do desenvolvimento rural sustentável.

São nestas unidades geográficas e socioculturais que ocorrem os ciclos minerais, as transformações energéticas, os processos biológicos e as relações socioeconômicas. Suas pretensões e contribuições vão mais além de aspectos meramente tecnológicos ou agrônômicos da produção agropecuária, incorporando dimensões mais amplas e complexas que incluem tanto variáveis econômicas, sociais e ecológicas, como variáveis culturais, políticas e éticas (2002, p. 2).

Desse modo, o enfoque da agroecologia perpassa várias áreas do conhecimento humano; utiliza-se da aplicação de conceitos e princípios destas ciências no redesenho dos agroecossistemas que se reconfiguram através de novas formas de manejo, dentro de um processo de renovação, objetivando que os agroecossistemas sejam mais sustentáveis ao longo do tempo, pois deles dependem a garantia da vida atual e a das gerações futuras.

Assim, as feiras agroecológicas surgem como perspectiva e alternativa de desenvolvimento dos territórios, nos mais diferenciados espaços, resultante das organizações e movimentos sociais, estando o produtor cada vez mais próximo do consumidor, buscando responder as demandas conforme as condições endógenas específicas, além evidentemente de gerar renda para a família.

Como assinala Buarque (2008), o desenvolvimento comunitário é uma forma particular de desenvolvimento local delimitado pelo espaço da comunidade vinculada a projetos locais; normalmente não tem estrutura político-administrativa e institucional (como a municipalidade), mas tende a apresentar uma grande homogeneidade social e econômica e capacidade de organização e participação comunitária, funcionando como núcleo catalisador de iniciativas e base para o desenvolvimento local.

Sendo assim, a transição para estilos de agricultura sustentáveis demanda uma integração entre os diferentes segmentos da sociedade e dos movimentos ligados à agroecologia, capaz de enfrentar os desafios e problemas econômicos, sociais e ambientais, levando à formulação de novas concepções de desenvolvimento – endógeno humano e local.

Assim, o processo de desenvolvimento local, leva ao dinamismo econômico e a melhoria da qualidade de vida da população em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos. Portanto, para ser consciente e sustentável, o desenvolvimento local deve mobilizar e explorar as capacidades e potencialidades próprias, de modo a criar raízes efetivas na matriz socioeconômica e cultural da localidade.

Representa, assim, o resultado de uma vontade conjunta da sociedade que dá sustentação e viabilidade política a iniciativas e ações capazes promover a dinamização e transformação da realidade, contribuindo para elevar a viabilidade da economia local e oportunidades sociais no que diz respeito ao trabalho; ao mesmo tempo em que assegura a conservação dos recursos naturais, que são à base das suas potencialidades e condição para a qualidade de vida da população local.

Desse modo, os debates e reflexões sobre desenvolvimento têm incorporado os postulados da sustentabilidade, procurando assegurar a permanência e a continuidade, a

médio e longo prazo, dos avanços e melhorias na qualidade de vida, na organização econômica e na conservação do meio ambiente.

3. Caracterização da Área

No Estado da Paraíba a agricultura familiar é caracterizada, em geral, por produtores de baixo poder aquisitivo, sem acesso a crédito e sem reservas para investir. Sua renda familiar deve ter rápido impacto positivo para assegurar que o agricultor familiar e sua família acreditem, aceitem e continuem investindo no campo de produção. A produção orgânica de hortaliças proporciona um retorno mais rápido, contudo demanda maior quantidade de mão-de-obra, contribuindo sobremaneira para a geração de empregos e valorização das atividades da cadeia produtiva na agricultura familiar.

As unidades de produção familiar orgânica no caso da Paraíba são espaços produtivos menores do que 3 hectares, onde normalmente toda família trabalha, sejam na produção, no beneficiamento ou na comercialização. Desde 1996, pequenas associações vêm realizando um esforço contínuo no processo de organização e capacitação dos agricultores familiares, principalmente na viabilização da comercialização, através das feiras agroecológicas que acontecem semanalmente em vários municípios do Estado.

Na produção de orgânicos, a mesorregião paraibana que se destaca é o Agreste da Borborema (figura 01). No Agreste, os sistemas agrícolas familiares são constituídos por uma policultura e por uma pequena pecuária, que se inserem nas redes locais de comercialização, por meio das quais atingem eventualmente mercados regionais como Recife e Natal. No entanto, apesar da presença significativa da agricultura tradicional com centralidade para as atividades agrícolas, é significativo o grande o número de inovações que vem sendo introduzidas em seu sistema agrícola.

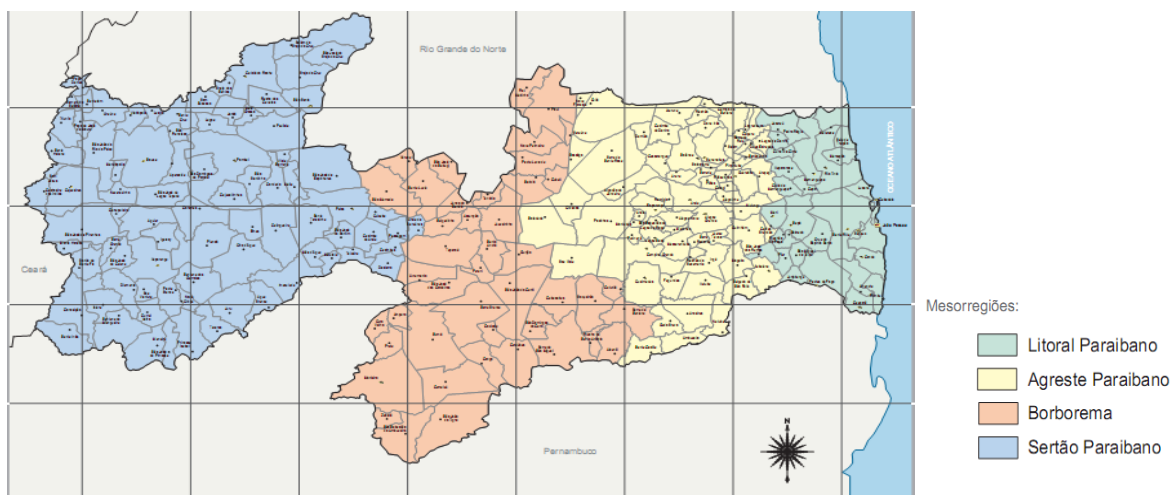


Figura 1. Divisão das Mesorregiões do Estado da Paraíba

Fonte: JESUS (2005)

Inicialmente os agricultores tinham consigo uma agricultura convencional considerada de baixo rendimento, caracterizada como agricultura de subsistência, obtendo um avanço significativo, a partir da implementação de novas práticas de culturas no modo de produzir, especificamente as práticas agroecológicas. A agroecologia para alguns grupos de agricultores da região cristaliza-se como uma fonte de inovação e conscientização para obter uma cultura menos agressiva na exploração das terras, através do uso de biofertilizantes e práticas de manejo do solo.

No território o escoamento da produção agroecológica dos produtos cultivados passa a ser feito em sua maioria diretamente para as feiras agroecológicas de vários municípios do Estado: Lagoa Seca, Campina Grande, Remígio, João Pessoa, entre outros, e nas Universidades (UFPG, UFPB). Na feira semanal na cidade de Campina Grande (na pirâmide do parque do povo, na UFPG, e no Museu do Algodão). Existem dois tipos feiras: a do produtor, organizada pela EMATER, e as feiras agroecológicas (organizadas pelo Polo Sindical - ECOBORBOREMA).

Para comercializar os produtos nas feiras, o agricultor precisa ter a consciência da necessidade de uma formação técnica específica para o mercado, com a possibilidade de (re) orientar suas ações tanto na redução de custos na produção, como na forma de apresentação e comercialização dos seus produtos. Os dados apontam como decisivo o investimento na capacitação dos agricultores nas temáticas relacionadas: comercialização, certificação orgânica, mercado agroecológico, entre outras, e, desta forma, contribuir para ampliar a produção, estimular o consumo e melhorar a comercialização. Considerando que as grandes redes de supermercados procuram oferecer produtos orgânicos sem embargo, o segmento dos supermercados pela sua alta competitividade empresarial retira das feiras agroecológicas um número significativo de consumidores. Se não houver um programa de qualificação direcionada às particularidades desta realidade socioeconômica, muitos dos agricultores familiares ficarão fora da competição do mercado agroecológico.

Por isso, é importante uma aproximação entre produtores agroecológicos e consumidores, porque precisam perceber que além de um produto saudável, as feiras têm um papel social importante. Portanto, superar o modelo de cliente passivo, por um outro perfil de consumidor: aquele que protagonize um compromisso mútuo na construção social destes mercados locais.

Com isso, fica evidente que as feiras geram uma ascensão econômica para as famílias, absorção da força de trabalho dos territórios regionais, espaço de interação entre consumidores/produtores - já que participam diversos produtores do Agreste e Brejo paraibano - além de oferecerem produtos mais “saudáveis” aos consumidores. Um espaço no qual os sujeitos compartilham experiências e vivências, significando a construção e o fortalecimento de relações de sociabilidade, convivência, pertencimento, estilos de vida e sonhos.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O caminho metodológico significa uma aventura de exercício epistemológico por um universo fechado e muitas vezes desconhecido pelas incertezas, que vão costurando-se com a pesquisa de acordo com a realidade trilhada pelos sujeitos que interagem dialogando na busca de melhor compreender o complexo processo.

Portanto, a metodologia se refere ao percurso trilhado para que o pesquisador atinja os objetivos propostos, através da utilização de instrumentos adequados a toda investigação científica, no processo de operacionalização da pesquisa e na geração de novo conhecimento científico. Nessa perspectiva, foi essencial a definição dos aportes teóricos para a escolha das categorias analíticas e um contato direto com os atores sociais, através de uma aproximação a realidade empírica (campo de pesquisa); processo que fecunda a inteligência e alimenta as teorias.

Desse modo, o estudo utilizou como estratégia de pesquisa as experiências de certificação participativa desenvolvida por agricultores nas Feiras Agroecológicas Agreste da Borborema-PB, que surge em meio a uma articulação, envolvendo pequenos produtores rurais, entidades sindicais em parcerias com movimentos sociais rurais e entidades governamentais e não governamentais, constituindo um cenário específico para práticas de consumo sustentável na perspectiva da sustentabilidade ambiental.

Dada às especificidades das feiras agroecológicas do Agreste da Borborema/PB (localização), a avaliação e síntese de dados e informações, em determinado período, além do caráter objetivo do estudo.

A metodologia da pesquisa é de caráter exploratório-descritivo, com abordagem qualitativa na análise dos dados. No que se refere à coleta dos dados primários para discussão e análise, foi feita através de visitas *in loco* nas feiras agroecológicas, utilizando a observação participante, conversas informais, realização de entrevistas com um roteiro semiestruturado - com consumidores/produtores familiares em duas feiras agroecológicas

em Campina Grande-PB (UFCEG, Pirâmide do Parque do Povo) e uma feira em Lagoa Seca-PB.

Segundo Gil (1998), a entrevista se constitui como uma técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação, sendo uma técnica muito adequada para obtenção dos dados de informação acerca do que as pessoas sabem, creem, desejam, acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes.

Através da observação participante buscou-se uma aproximação do pesquisador com o escopo espacial as feiras agroecológicas e os sujeitos sociais produtores e consumidores, com suas visões de mundo e discursos sobre o fenômeno estudado, como mola mestra da pesquisa de campo, fazendo romper as barreiras da aproximação e da convivência com a história e vida dos vários atores sociais.

Os dados secundários foram coletados através de informações disponibilizadas em diversas instituições sociais, destacando a EMATER-PB, Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, líderes de movimentos sindicais as ONG's como a AS-PTA e PATAC, entre outros dependendo das demandas resultantes dos encaminhamentos dos estudos. De acordo com dados da Comissão da Produção Orgânica na Paraíba, existem atualmente no Estado da Paraíba 26 feiras agroecológicas distribuídas pelos municípios do Estado, esses espaços de comercialização reúnem em torno de 450 feirantes para a comercialização de produtos agroecológicos.

Assim, a pesquisa é um processo de “descoberta e criação” que convida o pesquisador não apenas a buscar as obscuras marcas deixadas pelo outro e entender os sentidos nas marcas. Mas também é enquanto prática inscrita em determinado contexto e comunidade uma exposição constante do trabalho à análise coletiva, sendo assim, sua argumentação também propõe jogos de luzes que pretendem conduzir as visibilidades diferenciadas (DEMO, 2008).

4.RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da análise dos dados da pesquisa que vem sendo desenvolvida sobre como as feiras agroecológicas têm instigado o consumidor a desenvolver práticas de consumo sustentável enquanto ação política na esfera privada contribuindo para o desenvolvimento sustentável dos territórios, constatou-se que as práticas de consumo dos produtos agroecológicos na lógica dos consumidores e dos produtores estão atreladas a um processo que associa significados sociais, ambientais, estéticos e culturais.

Sendo possível perceber através da observação participante e dos diálogos com os atores sociais, que os consumidores com um nível escolar mais elevado têm mais consciência sobre as questões ambientais e consomem os produtos agroecológicos primeiro por não ter agrotóxico o que contribui para uma melhor qualidade de vida, mais também por ter uma preocupação com a preservação do meio ambiente.

Por outro lado, como consideração parcial elucida-se que os produtores buscam autonomia econômica e social, além evidentemente mostrar uma preocupação com a questão ambiental pela adoção de novas práticas de consumo, contribuindo para diminuir a problemática ambiental e para a organização dos produtores rurais através da construção de um novo fazer político, além da autonomia financeira da família.

No espaço das feiras há uma interação e um compartilhamento da ideia da necessidade da preservação ambiental a partir de novas ações do homem, sendo um espaço capaz de despertar a consciência do homem, pois a feira é um ambiente que favorece os consumidores a desenvolverem uma flexibilidade sobre a importância de se categorizarem como consumidores sustentáveis. Nesse sentido os consumidores se sentem ator político enquanto sujeito consumidor refletindo sobre sua prática de consumo.

Na representação social dos sujeitos consumidores, o consumo dos produtos agroecológicos está associado a práticas de consumo sustentável, sendo a alimentação adotada como um estilo de vida. A escolha pelo um produto significa a fonte de saúde, através de uma alimentação saudável, com o consumo de frutas, hortaliças e grãos com uma dieta considerada "equilibrada". A lógica do consumidor é que os alimentos orgânicos são livres de agrotóxicos, e apresentam melhores características sensoriais e produzem bem estar. Constatamos ainda que os consumidores incorporam de diferentes formas preocupações e valores com as práticas de consumo, como também com o meio ambiente.

Para os produtores familiares as feiras significam a busca pela autonomia econômica com um resultado financeiro significativo, garantindo a reprodução social e econômica da família na venda direta ao consumidor. Aumentando seu poder de barganha, através da valorização da força de trabalho e da produção eliminando a figura do "atravessador".

Contudo, estes fatores não estão sendo suficientes para garantir a competitividade dos produtos frente aos grandes mercados, demandando desse modo, maior apoio de uma política pública, no sentido de uma efetiva atuação do Estado na regulamentação e normatização. Assim como, políticas públicas, tanto nacionais como locais,

para disciplinar e estimular novas práticas de consumo, para que esta forma de comercialização não permaneça como um nicho de mercado restrito.

As feiras agroecológicas também se caracterizam como um espaço de sociabilidade, de encontros e reuniões e divulgação de eventos, oferecendo várias possibilidades sociais, nutricionais e ambientais para agricultores e consumidores. Os produtores veem a feira como espaço para exercer um fazer político e social levando os sujeitos a participar e adotar novas práticas de consumo através de produtos agroecológico. Significa ainda uma contribuição para a nova dinâmica e centralidade política nos debates do movimento social com a inclusão da temática consumo e o fortalecimento do movimento de articulação.

Assim, no *locus* social – a feira se processa um elo de grande significância que é a aproximação entre os agricultores e consumidores, garantindo a certificação dos produtos, pois a presença do produtor é o suficiente para atestar a qualidade do produto, já que o feirante é o próprio produto rural ou um membro da família para se inserir nesse espaço deve conhecer bem seu estatuto, aceitando o compromisso e a responsabilidade ética em não produzir utilizando o agrotóxico.

Considerando que as atividades econômicas desenvolvidas se processam na agricultura familiar utilizando basicamente a mão-de obra da família. Neste cenário as feiras viabiliza a manutenção da família e do emprego local a partir de uma demanda dos serviços disponíveis nos territórios; também a permanência de uma parcela significativa da população jovem e adulta na gestão do território; manutenção do emprego agrícola para assegurar outros serviços multifuncionais incluídos os ambientais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo circunscrito, finalizam-se as reflexões propedêuticas enfatizando que a ação dos atores sociais na esfera privada cristaliza um compromisso e responsabilidade com os problemas sociais e ambientais ao construírem uma nova cultura de ação política. Ao se empenharem em conquistar melhorias sociais e ambientais pela adoção de novos valores na perspectiva do consumo, contribuindo para a nova dinâmica e centralidade política do consumo.

A consideração parcial evidencia que os produtores buscam autonomia econômica, social e ambiental pela adoção de novas práticas de consumo, contribuindo para diminuir a problemática ambiental e para a organização dos produtores rurais através da construção de um novo fazer político.

As feiras agroecológicas e as práticas de consumo podem ser compreendidas como possibilidade de emancipação e inserção social do sujeito, contribuindo para diminuir a problemática social e ambiental ao produzir e adotar práticas de “consumo sustentável” através dos produtos agroecológicos. Por outro lado, a feira agroecológica é um espaço para se delinear novas estratégias de desenvolvimento, pois só há desenvolvimento quando os benefícios servem para ampliação as capacidades humanas, entendidas como um conjunto de elementos em que as pessoas podem ser, ou fazer na vida, como direito a uma vida saudável e digna.

5 REFERÊNCIAS

- BARBOSA, L. **Feijão com arroz e arroz com feijão: Brasil no prato dos brasileiros**. Revista horizonte antropológico, Porto Alegre, V.13,n.28,2007.
- BARBOSA, L.; CAMPBELL, C. (Orgs.). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- BARBOSA, L.; PORTILHO, F; VELOSO, L. **Consumo: cosmologias e sociabilidades**. Rio de Janeiro: EDUR, 2009.
- BECK, U. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: **Modernidade Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. Tradução de: Magda Lopes. Giddens, A. Beck, U; Lash, S. São Paulo: UNESP, 1997.
- _____. **Risk Society. Towards a New Modernity**. London, Sage, 1992.
- _____. **Incertezas Fabricadas**. Revista IHU ONLINE. Maio/2006. Disponível em: <http://www.unisinos.br/ihu>. Acesso em: 23 de outubro de 2010.
- BUARQUE, S. C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável: metodologia de planejamento**. 4. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- CANCLINI, N.G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro:UFRJ,1996.
- CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios para a construção de estilos de agriculturas sustentáveis**. Brasília - DF: MDA/SAF/DATER, 2007.
- CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova extensão rural**. In: **Desenvolvimento rural: potencialidades em questão**. Virgínia Elisabete (org.). Santa Cruz do Sul, SC: EDUSC, 2001.
- _____. **Agroecologia: enfoque científico e estratégico para apoiar o desenvolvimento rural sustentável**. Porto Alegre: EMATER/RS, 2002.

CAMPBELL, C. A. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

_____. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova extensão rural. In: **Desenvolvimento rural: potencialidades em questão**. Virgínia Elisabete (org.). Santa Cruz do Sul, SC: EDUSC, 2001.

_____. **Agroecologia: enfoque científico e estratégico para apoiar o desenvolvimento rural sustentável**. Porto Alegre: EMATER/RS, 2002.

DEMO, P. **Pesquisa participante: saber pensar e intervir juntos**. 2. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

GIL, A. C. **Projetos de Pesquisas**. São Paulo:Atlas, 1996.

MILLER, D. **Acknowledging consumption; a review of new studies**. Londres: Routledge, 2001.

PORTILHO, F. ; CASTANEDA, M. **Certificação e confiança face-a-face na feira de produtos orgânicos**. IV Encontro Nacional da ANPPAS, Brasília, 2008.

PORTILHO, F. **Consumidores de alimentos orgânicos: discurso, práticas e auto-atribuição de responsabilidade socioambiental**. Anais 26 Reunião de Agroecologia, Porto Seguro/BA,2008.

PORTILHO, F. **Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. Novos atores no mercado: movimentos sociais econômicos e consumidores politizados. Política e Sociedade. **Revista de Sociologia Política**. Vol.8, n.15, 2009.

_____. Consumo Sustentável: limites e possibilidades de ambientalização e politização das práticas de consumo. **Cadernos EBAPE-BR FGV**, São Paulo, Educação Temática, 2005.

_____. Consumo e política: neo-modernismo e reflexividade social. In: **Anais do XIV Congresso Brasileiro de Sociologia**, Rio de Janeiro, 2009.

_____. **Consumidores de alimentos orgânicos: discursos, práticas e auto-atribuição de responsabilidade socioambiental**. Perspectivas antropológicas sobre o meio ambiente: aportes teóricos, metodológicos e etnográficos. Porto Seguro, BA, 2008.

RAMALHO, A.M.C.; SANTOS, J.G. Resignificando as práticas de consumo: as feiras agroecológicas do Agreste da Borborema. **V ENEC, I Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo**, Set, Rio de Janeiro, 2010.